Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, G., Montagner, A. R., Bandeira, M. & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos. In M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette, (Orgs.), *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 1-45) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Capítulo 1

A área das habilidades sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos[1]

Alessandra T. Bolsoni-Silva, Zilda A. P. Del Prette, Giovana Del Prette, Ana Roberta P. Montanher, Marina Bandeira e Almir Del Prette

O Treinamento de Habilidades Sociais (THS) pode ser considerado como um dos mais profícuos movimentos da Psicologia nas últimas décadas. Com origem na Inglaterra nos anos 60 foi, inicialmente, concebido como um método de intervenção para a promoção de habilidades sociais. O THS, tanto pelo seu escopo, quanto pela sua base teórica, alcançou maior aceitação que o Treinamento Assertivo, originário dos Estados Unidos, do qual ele foi contemporâneo (Del Prette & Del Prette, 2000; Del Prette & Del Prette, 2003).

O esforço posterior para dar uma característica distintiva ao Treinamento Assertivo não impediu que ele fosse compreendido com outra roupagem e recebesse outras denominações: *Structured Learning Therapy* (Goldstein, 1973); *Emotional Expressiveness* (Lazarus, 1977); *Personal Effectiveness* (Liberman, King, DeRisi & McCann, 1975). A análise de Hargie, Saunders e Dickson (1994) mostra que, mesmo antes de haver o mínimo de consenso sobre as principais classes de assertividade, o THS já havia se estruturado como um método para treinamento de um conjunto de classes de habilidades sociais, algumas das quais podendo ser entendidas como as assertivas.

Do Reino Unido, o movimento do THS chegou aos Estados Unidos e Canadá, o que possibilitou uma rápida divulgação em outros países de língua inglesa como, por exemplo, Austrália. O THS também obteve bastante aceitação na Espanha e, algum tempo depois, em Portugal, na esteira do interesse pela análise do comportamento e pela terapia comportamental–cognitiva.

Posteriormente, a partir da década de 80, vários autores (Cox & Schopler, 1995; Hargie Saunders & Dickson, 1994; Trower, 1995) apontaram para uma maior abrangência do THS e defenderam que a assertividade deveria ser compreendida como uma de suas subáreas. A revisão de trabalhos brasileiros que abordam aspectos teóricos da área (Del Prette & Del Prette, 1996; 1999; 2001; Falcone, 2001) e de relatos de programas de intervenção que incluem as habilidades assertivas entre outras classes de habilidades (Bandeira & Temblay, 1998; Bandeira & colaboradores, 1998: Bolsoni-Silva, Del Prette & Del Prette, 1999; Del Prette & Del Prette, 2003; Del Prette, Del Prette & Barreto, 1999; Sarriera, Meira, Berlim, Bem, & Camara, 1999), parece indicar que essa posição também foi aceita entre nós.

Entretanto, não obstante o grande número de trabalhos publicados nos Estados Unidos e Canadá, a partir da década de 70, a aceitação dessa área no Brasil ocorreu bem mais tarde. Conquanto alguns estudos possam ser citados como precursores da constituição da área (Del

[1] Os autores agradecem a colaboração, na coleta de dados, das alunas do Curso de Graduação em Psicologia da UFSCar: Ana Carolina Braz, Juliana Pelinsom Marques, Patrícia de Oliveira Gaudenci e Talita Pereira Dias.

Prette, 1978; 1985a; b; Del Prette, Z, 1985; Del Prette & Del Prette, 1983), o artigo denominado *Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento*, de Del Prette e Del Prette, (1996), pode ser considerado como um marco da apresentação desse campo de conhecimento e aplicação em nosso país. O primeiro livro, *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*, somente seria publicado três anos depois. Ele veio completar e ampliar a apresentação da área das habilidades sociais, com uma análise dos autores considerados clássicos, situando-os, sob uma perspectiva histórica. Além disso, aborda os principais conceitos e matrizes teóricas, expondo, detalhadamente, procedimentos e técnicas de intervenção em THS.

Da publicação daquele trabalho à edição desse livro exclusivamente sobre habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 1999), os novos estudos nessa temática, na literatura psicológica do país, estavam vinculados: a) aos mesmos autores e seu grupo (Del Prette & Del Prette, 1997; 1998; Del Prette, Del Prette & Barreto, 1998; Del Prette, Del Prette & Branco, 1998; Del Prette, Del Prette, Garcia, Silva, & Puntel, 1998); ao grupo de Bandeira (Bandeira & Tremblay, 1998; Bandeira, Cardoso, Fernandes, Resende & Santos, 1998); c) ao de Falcone (1998); d) ao de Sarriera e colaboradores (1999).

Posteriormente, já na década de 90, parece ter aumentado consideravelmente o volume de publicações. Adicionalmente, pode-se observar uma alta freqüência de trabalhos apresentados em congresso, que tem sido avaliada como um indicador de interesse crescente por essa área. Contudo, observam-se poucas tentativas de análise ou revisão dos estudos publicados, podendo-se ressaltar as de Del Prette e Del Prette (2001), Mitsi, Silveira e Costa (2004) e Murta (s.d.). As informações disponíveis, no entanto, não respondem completamente a algumas questões relevantes como: quais as características formais desses trabalhos (região geográfica e tipo de veículo de divulgação; composição e diversidade de autores ou grupos de pesquisa; relação quantitativa entre trabalhos empíricos e teóricos etc.); tendências quanto ao foco das pesquisas (temas, populações, tipos de habilidades, objetivos); e metodologia utilizada (delineamentos, procedimentos e instrumentos de coleta e análise de dados).

A análise da produção acadêmica em Habilidades Sociais no Brasil é importante tanto para caracterizá-la em nosso meio quanto para identificar tendências ou lacunas, possibilitando, com isso, novos encaminhamentos de pesquisa.

Considerando que, quanto à perspectiva teórica, o THS está, ainda, longe de representar um corpo conceitual unitário, contemplando uma diversidade de definições para alguns de seus principais termos (por exemplo, habilidades sociais e competência social), os estudos de revisão ou de estado da arte devem apresentar, explicitamente, os conceitos e definições nos quais se baseiam. Sem a pretensão de esgotar esses aspectos, as concepções que orientam o presente estudo podem ser resumidas em alguns tópicos, arrolados a seguir:

(a) As habilidades sociais são aprendidas e contemplam as dimensões pessoal, situacional e cultural (Del Prette & Del Prette, 1999);

(b) Possuir um bom repertório de habilidades sociais não garante, por si só, um desempenho socialmente competente.

(c) Os conceitos sobre habilidades sociais e competência social não se equivalem. O termo “habilidades sociais refere-se à existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 31). Por outro lado, a competência social tem um sentido avaliativo e, portanto, qualifica “a proficiência de um desempenho e se refere à capacidade do indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e ações em função de seus objetivos e valores articulando-os às demandas imediatas e mediatas do ambiente” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 31).

(d) A competência social, como construto avaliativo, implica em instrumentos de avaliação, especificidade da situação onde o desempenho ocorre e critérios de avaliação. Os principais critérios, conforme Del Prette e Del Prette (2001, p. 34) são: consecução dos objetivos da interação; manutenção ou melhora da auto-estima; manutenção ou melhora da qualidade da relação; maior equilíbrio entre ganhos e perdas entre os parceiros da relação; respeito e ampliação dos direitos humanos básicos.

Com base nessas concepções, e na preocupação anteriormente referida com o mapeamento das características dos estudos sobre Habilidades sociais no Brasil, o presente estudo teve como objetivo: a) identificar e analisar a produção acadêmica nacional, disponível nos periódicos indexados de Psicologia; b) caracterizar a área; c) identificar tendências e possíveis lacunas de pesquisas; d) discutir essa produção e propor encaminhamentos de pesquisa.

Método

Base documental e procedimento de coleta de dados

A coleta de dados ocorreu em dois momentos. A primeira foi realizada em bases digitais de dados (LILACS, INDEXPSI, PSICOINFO e SCIELO) e a segunda, junto a editores de periódicos, bibliotecas e autores/pesquisadores. A coleta de dados nas bases digitais foi realizada de novembro de 2002 a janeiro de 2003 e os procedimentos de consultas aos autores e busca direta nas bibliotecas ocorreram em dezembro de 2003 a março de 2004.

Para a busca nas Bases de Dados, foram utilizadas, como palavras-chave, as expressões pertinentes aos principais conceitos ou classes de habilidades sociais da área (habilidades sociais, competência social, assertividade, empatia, relações interpessoais, treinamento em habilidades sociais, treinamento assertivo, comunicação interpessoal, comunicação não-verbal e problema interpessoal, amizade). Esses artigos, e seus respectivos resumos foram examinados e selecionados, conforme os seguintes critérios de inclusão:

a) periódicos nacionais indexados;

b) estudos de Psicologia ou pertinentes à Psicologia.

Examinando-se os artigos selecionados nessa etapa, verificou-se que várias publicações conhecidas na área não estavam contempladas nessa busca. Procedeu-se, então, à segunda etapa de coleta de dados, realizada por meio de três vias:

(a) consulta a 96 periódicos nacionais impressos de Psicologia identificados na classificação da CAPES (www.capes.org.br, acessada no mês de janeiro de 2005), em três grandes universidades paulistas (USP/SP, USP/Ribeirão Preto e UFSCar);

(b) diretamente com os editores desses periódicos, por correio ou e-mail e carta explicativa sobre os objetivos do presente estudo, solicitando-se a remessa de resumos que apresentavam, em seus títulos, as expressões de busca;

(c) junto aos autores identificados na primeira etapa e outros conhecidos como pesquisadores da área (ao todo 35), consultados por meio de carta semelhante à enviada aos editores.

Como retorno a esse procedimento, obteve-se a resposta de três editores sobre as publicações de seis pesquisadores. A conclusão do levantamento e a seleção de artigos levaram à identificação de 65 trabalhos avaliados como pertinentes à área do THS, que constituíram a base documental do presente estudo (ver Anexo ao final deste capítulo).

Tratamento dos dados

Os títulos dos artigos selecionados, acrescidos dos resumos, foram organizados em um Protocolo que orientou uma primeira análise em termos de características bibliográficas. Em seguida, foram feitas leituras e exames de cada um dos resumos para a definição das categorias de análise, verificando-se a necessidade de análise diferenciada para os artigos empíricos e conceituais.

Os artigos conceituais foram categorizados quanto a alguns aspectos da temática (objetivos, habilidades focalizadas) e, dado o pequeno número, optou-se por uma análise qualitativa desses aspectos. Os artigos empíricos foram categorizados quanto à temática e a metodologia. Essas duas classes gerais bem como suas subclassificações representam o consenso entre os autores e são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Categorias, itens e subitens de análise dos artigos selecionados para este estudo.

CATEGORIAS GERAIS	ITENS	SUBITENS
BIBLIOGRÁFICA	Tipo de artigo	1 = Empírico; 2 = Conceitual.
	Localização	1 = INDEXPSI; 2 = PSICOINFO; 3 = SCIELO; 4 = LILACS; 5 = Periódico impresso; 6 = Autor.
	No. do artigo	Numeração seqüencial.
	Período	1 = Até 1994; 2 = 1995-1999; 3 = 2000-2004.
	Nome do periódico	Nomes codificados por número (Total de 24 periódicos).
	Local de publicação	1 = São Paulo; 2 = Paraná; 3 = Rio Grande do Sul; 4 = Rio Grande do Norte; 5 = Paraíba; 6 = Distrito Federal; 7 = Ceará; 8 = Rio de Janeiro; 9 = Minas Gerais.
	Periódico/abrangência	1 = Local; 2 = Nacional; 3 = Internacional.
	Periódico/classificação	A, B ou C.
	Quantidade de autores	1=um; 2=dois; 3=três; 4=quarto; 5=cinco ou mais.
	Tamanho da amostra	1 = Sujeito único; 2 = Dois a trinta; 3 = Trinta e um a cem; 4 = Cento e um ou mais
	N da amostra	Quantidade em números.
TEMÁTICA	Tipo de amostra	1=Crianças; 2=Adolescentes; 3=Universitários; 4=Sujeitos clínicos; 5=Profissionais; 6=Pais ou casais; 7 Outros/mistos.
	Objetivo	1=Caracterizar a população; 2=Relacionar variáveis; 3=Avaliar efetividade; 4 = Desenvolver instrumento; 5=Caracterizar+Relacionar variáveis; 6=Caracterizar +Instrumento; 7=Caracterizar+Avaliar efetividade; 8 = Descrever procedimento.
	Habilidades focalizadas	1=Competência Social ou habilidades sociais em geral; 2=Habilidades sociais variadas; 3=Empatia; 4=Assertividade; 5=Solução de problema interpessoal; 6=Desempenho Não Verbal; 7= Competência Social + Habilidades sociais variadas; 8=Competência Social+Empatia; 9=Assertividade+ Não Verbal; 10=Habilidades sociais variadas + Não Verbal.
METODOLÓGICA	Delineamento	1 = Pré-experimental; 2 = Quase experimental; 3 = Experimental; 4 = Desenvolvimento de instrumento.
	Coleta/relato	1=Questionário ou escala; 2=Entrevista; 3=Questionário e escala + entrevista.
	Coleta/observação	1=Situação natural; 2=Situação estruturada; 3=Situação natural+Situação estruturada; 4=Situação natural+Filmagem; 5=Situação estruturada+ Filmagem.
	Tratamento	1=Qualitativo/categorial; 2=Estatístico/descritivo; 3=Estatístico/inferencial; 4=Qualitativo/categorial + estatístico/descritivo.

A classificação dos tipos de delineamento de pesquisa tem sido objeto de muita controvérsia e diversidade na literatura sobre metodologia, conforme salientado por Sigelmann (1984). Essa controvérsia está associada a diferentes critérios adotados para classificar os tipos de pesquisa, como por exemplo: a base lógica (indutiva, dedutiva, hipotético-dedutiva, dialética); o grau de manipulação das variáveis (naturalísticas, quase-experimentais e experimentais); o contexto onde ocorrem (pesquisa de laboratório ou de campo); a relação pesquisa-prática e envolvimento do pesquisador (básica, aplicada, pesquisa-ação, pesquisa participante); a amplitude da amostragem (estudos de caso, de grupo, de levantamento). É fácil perceber que esses critérios podem ser parcialmente sobrepostos.

Neste estudo, adotou-se a classificação de Campbell e Stanley (1979) e de Selltiz, Wrightsman e Cook (1981), baseada no grau de proteção contra as ameaças à validade interna, externa e de construto. Esses autores classificam os diferentes tipos de delineamentos, com base nesses critérios, em três grandes grupos: (a) experimentais; (b) quase-experimentais; (c) pré-experimentais. Uma quarta categoria de pesquisa, adotada na análise do conjunto de estudos deste capítulo, reúne os estudos voltados para o desenvolvimento de instrumentos, entendidos como uma categoria que deveria ser destacada na configuração do campo das habilidades sociais em nosso país.

As *pesquisas experimentais* envolvem manipulação da variável independente e controle das demais variáveis, por meio da alocação aleatória dos sujeitos ao grupo experimental e ao grupo de controle ou a vários grupos experimentais com diferentes níveis da variável independente, podendo se caracterizar como:

(a) *estudos com grupos independentes,* com sujeitos alocados randomicamente aos diferentes níveis da variável independente;

(b) *estudos intra-grupo, intra-sujeitos ou de medidas repetidas,* onde um mesmo grupo ou sujeito é submetido às diferentes variáveis ou condições manipuladas pelo experimentador.

As pesquisas *quase-experimentais* reúnem os estudos onde há manipulação direta ou indireta da variável independente (por exemplo, delineamento com pré e pós-teste da variável dependente ou somente com pós-teste), realizadas com um único grupo de sujeitos. É o caso da utilização de dois grupos - um experimental e outro de controle - para os quais os sujeitos não foram randomicamente alocados (mesmo quando há medidas repetidas da variável dependente), e de um único grupo ou sujeito, com variável experimental introduzida após observações sistemáticas da variável dependente (Séries Temporais). Nessa classe são incluídas ainda as pesquisas denominadas *ex post facto*, que não envolvem manipulação direta pelo experimentador, mas em que é possível "acompanhar" o efeito de variáveis específicas sobre a variável dependente em uma amostra de sujeitos.

As pesquisas *pré-experimentais* reúnem os estudos onde pode haver a manipulação direta ou indireta da variável independente (com pré e pós-teste da variável dependente ou somente com pós-teste), mas realizadas com um único grupo de sujeitos. Está incluído aqui o delineamento de um único grupo, com pós-teste, sem a manipulação da variável independente pelo pesquisador. Campbell e Stanley incluem ainda, na categoria dos pré-experimentais, as pesquisas de avaliação única com grupos naturais, portanto, sem manipulação da variável independente. É o caso dos estudos em que se investiga a diferença entre grupos pré-existentes, em relação a uma ou mais variáveis dependentes, o que também é denominado de delineamento de grupo estático (que outros autores classificam como *correlacionais*).

As pesquisas de *desenvolvimento de instrumentos* envolvem várias etapas e procedimentos de análise e se referem tanto aos estudos de construção de instrumentos como aos de adaptação e validação de instrumentos produzidos em outros países. Tais estudos incluem as análises psicométricas para verificar a validade e confiabilidade do instrumento

(por exemplo, estrutura fatorial, consistência interna e estabilidade temporal) e o estabelecimento de normas locais ou nacionais de referência (Anastasi & Urbina, 1999; Merrell, 1999; Pasquali, 2002).

O exame dos protocolos possibilitou representar graficamente a freqüência e percentual desses artigos em cada uma dessas categorias, itens e subitens, conforme se apresenta a seguir.

Resultados e Discussão

A busca realizada permitiu localizar, em diferentes fontes, um total de 65 artigos, que se constituiu a base documental deste estudo. A quantidade de artigos recuperados, por meio de cada uma das fontes de busca, está ilustrada na Figura 1.

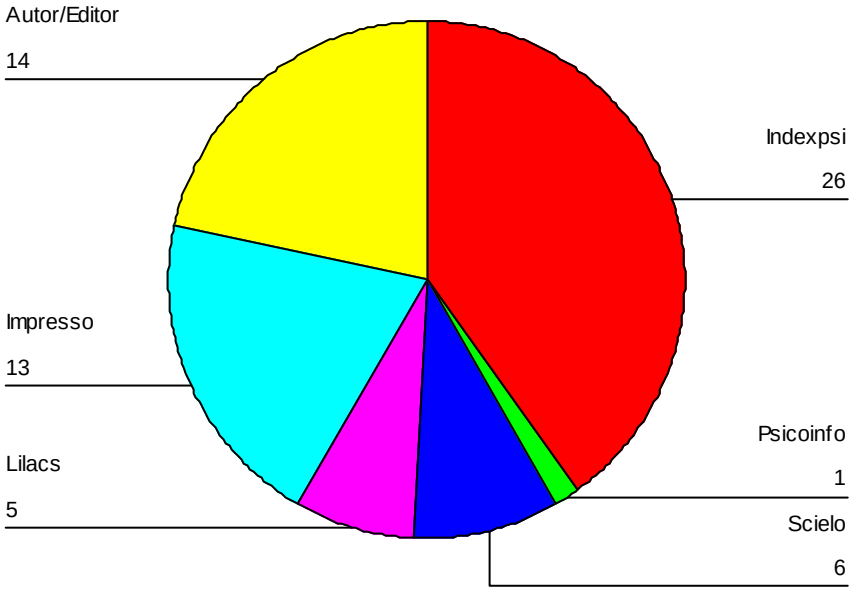


Figura 1. Fontes utilizadas na recuperação dos artigos analisados no presente estudo.

Como se vê na Figura 1, a maioria dos artigos foi recuperada a partir das bases digitais que organizam as publicações nacionais, principalmente INDEXPSI, com uma proporção ainda bastante reduzida de trabalhos completos *online* (SCIELO). No entanto, 27 artigos somente foram acessados via bibliotecas, autores e editores, o que representa 41,5% da base documental. Isso significa que o procedimento usual, via Base de Dados não é, ainda, tão completo como se esperaria e que, em muitos casos, os procedimentos tradicionais precisam ser acionados para complementarem pesquisas de levantamento.

O levantamento permitiu identificar 10 artigos teóricos (15,4%) e 55 empíricos (84,6%). A distribuição desses artigos ao longo dos três períodos pesquisados é ilustrada na Figura 2.

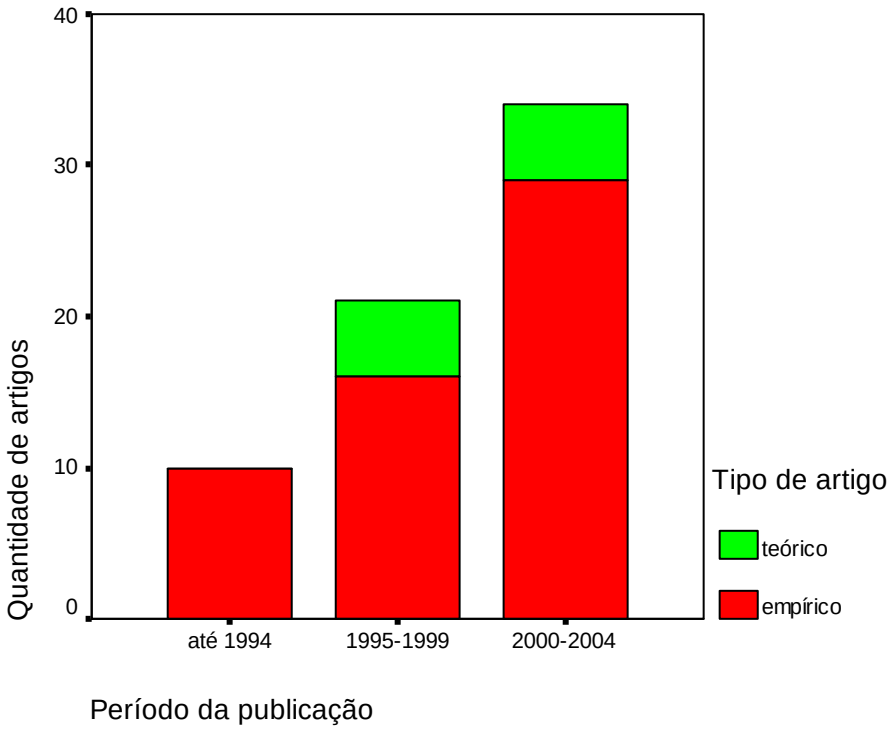


Figura 2. Distribuição dos artigos teóricos e empíricos sobre Habilidades Sociais por período de publicação.

Mesmo considerando que o primeiro período abrange cerca de 11 anos (da primeira publicação, ocorrida em 1983, até 1994), enquanto que os demais cobrem cinco anos cada, pode-se identificar uma tendência crescente de publicações em periódicos indexados na área do THS em nosso país[2]. Os artigos teóricos começaram a surgir apenas no segundo período e cresceram bastante no terceiro, o que seria de se esperar considerando que pesquisas empíricas tendem a suscitar questões conceituais e, assim, criam demandas para explicações alternativas. Além disso, o THS constitui um campo aberto, sujeito a novas contribuições provindas de outras teorias (Ríos, Del Prette & Del Prette, 2002) da Psicologia.

Características bibliográficas

As informações bibliográficas analisadas incluíram: a) localização, abrangência e qualificação dos periódicos; b) quantidade e composição da autoria.

A caracterização, em termos de abrangência e qualidade dos periódicos onde foram publicados, conforme critérios da CAPES (www.capes.gov.br) encontra-se ilustrada na Figura 3.

[2] Considerando-se que alguns periódicos podem ter atrasado suas publicações do ano de 2004, existe a possibilidade de não inclusão de artigos que, porventura, tenham sido editados após o fechamento desta coleta de dados.

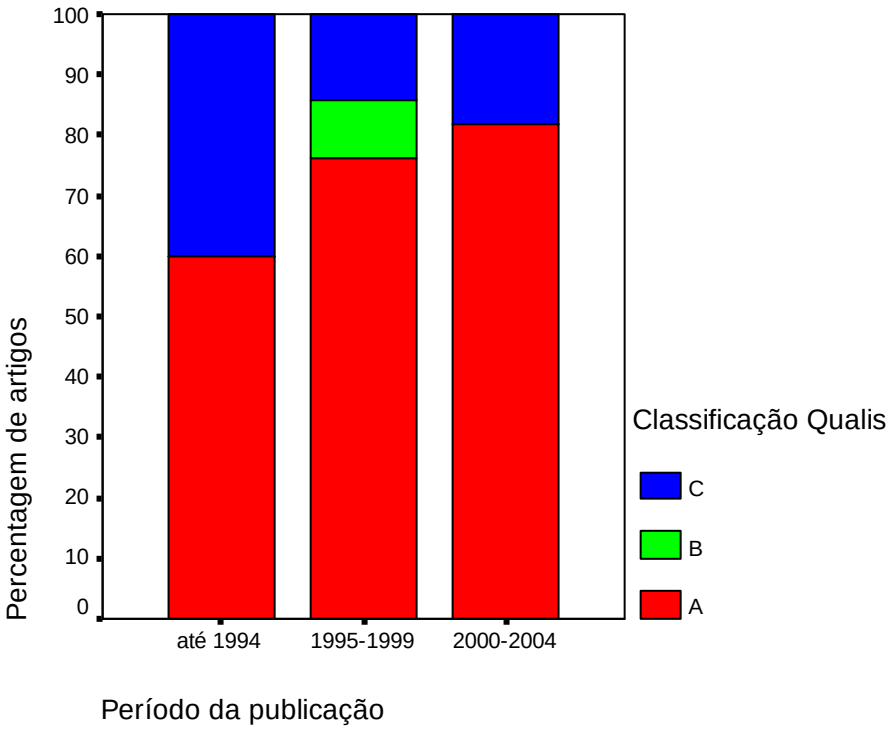


Figura 3. Abrangência e classificação dos periódicos (Critério Qualis/CAPES) em que foram publicados os artigos constantes deste estudo.

Pode-se constatar uma percentagem relativamente constante de publicações em periódicos classificados como “nacionais” e uma tendência de ampliação das publicações em periódicos considerados “internacionais”, bem como de redução das publicações em periódicos “locais”. Em termos dos critérios Qualis/CAPES para a qualificação dos periódicos, nos três períodos, predomina a classificação “A”, com tendência crescente nos dois últimos períodos, coincidindo com redução de publicações em periódicos “B” (que somente ocorreu no segundo) e “C”. É possível concluir que, com relação à qualificação dos veículos de publicação, a produção da área, nos últimos anos, indica preferência pelos de melhor classificação, o que sugere maior seletividade por parte dos autores.

A Figura 4 apresenta a distribuição da origem geográfica dos periódicos nos quais foram publicados os artigos deste estudo.

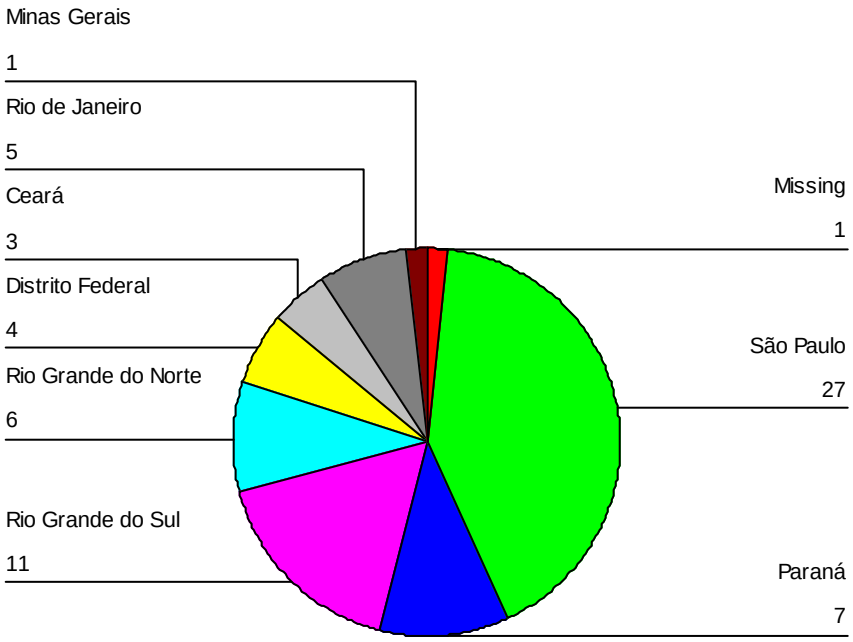
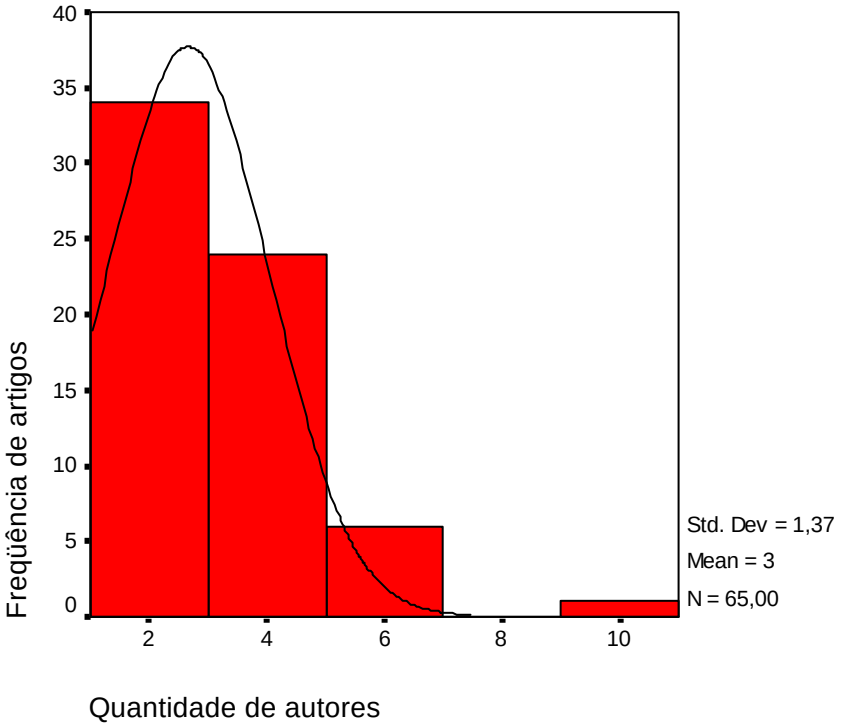


Figura 4. Distribuição geográfica dos periódicos onde foram publicados os artigos deste estudo.

A maioria dos periódicos identificados nos artigos do presente estudo foi editada nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, seguindo-se Rio Grande do Norte, Paraná e Rio de Janeiro, com uma percentagem menor de publicações no Distrito Federal, Minas Gerais e Ceará. Essa distribuição contempla, portanto, uma maior proporção para as regiões Sudeste e Sul do país, onde também se concentra a maioria dos periódicos e da pesquisa produzida no país, com escassez de divulgação nas demais regiões. Seria desejável que periódicos de outros estados fossem mais contemplados para uma divulgação mais homogênea da área.

Com relação à autoria, os 65 estudos foram produzidos por 90 autores diferentes, com concentração em torno de cinco autores que responderam, respectivamente por: 22 trabalhos (33,8%), 21 trabalhos (32,5%), 13 trabalhos (20%); 6 trabalhos (9,2%) e 4 trabalhos (6,1%). A maioria dos autores (70, ou 77,7%) aparece em somente um trabalho, nove autores (10%) em dois trabalhos e seis outros autores (6,7%) em três. Pode-se considerar que há cinco autores mais diretamente identificados com a área, mas a emergência de estudos realizados pelos outros, ainda que esporádica, permite supor a atratividade e a potencialidade de ampliação desse quadro.

A distribuição dos autores e o percentual de artigos, conforme a composição da autoria em cada período, são ilustrados na Figura 5.



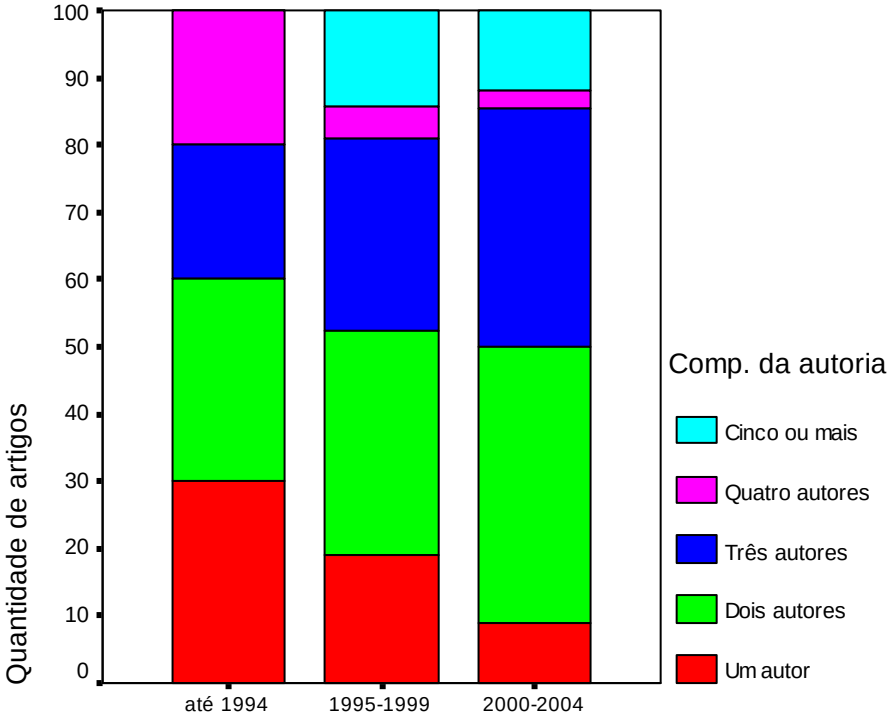


Figura 5. Distribuição e composição da autoria nos artigos empíricos analisados neste trabalho.

Verifica-se que a maior parte dos artigos foi produzida por dois a quatro autores (média de três) e que essa tendência se mantém nos três períodos analisados. A autoria única surge proporcionalmente, em maior quantidade, no primeiro período e se reduz nos seguintes, concomitantemente com o aumento percentual de artigos publicados por dois e três autores. Nota-se, nos últimos 10 anos, a produção de artigos por cinco ou mais autores, sugerindo uma atividade mais coletiva de produção de conhecimento nesse tema e maior intercâmbio entre os pesquisadores produtivos da área e os novos estudiosos.

Na análise que se segue, as referências aos artigos da Base Documental aparecem identificadas por seu número no Anexo.

Temática dos artigos conceituais

Todos os artigos teóricos foram publicados no segundo e terceiro períodos. Quanto aos objetivos mais amplos, os 10 artigos teóricos (artigos 1 a 10) podem ser classificados em três grupos de estudos: os de revisão conceitual (artigos 1 e 10), os de proposta de conceitos (artigos 1, 3, 7, 8, 9) e os de exposição histórica e aplicação (artigos 2, 6), com alguns apresentando mais de uma dessas características. Essas publicações também relacionam o campo das habilidades sociais a diferentes temas ou áreas como: educação escolar (artigo 2); inteligências múltiplas (3); reabilitação psicossocial de psicóticos (artigos 4 e 5); comunicação (artigo 6); análise do comportamento (artigo 7); práticas parentais de crianças com problemas de comportamento (artigo 8); assertividade, crenças e identidade social (artigo 9); e tratamento de transtorno obsessivo-compulsivo (artigo 10).

Os dois primeiros foram publicados no segundo período, pelos mesmos dois autores. O primeiro (artigo 1) apresenta uma revisão da área, discute conceitos, resume o perfil desse campo teórico-prático e aponta para suas aplicações. O segundo (artigo 2) apresenta uma análise de teorias e práticas educativas, focalizando as relações professor-aluno, como campo potencial de aplicação dos conceitos e intervenções da área das habilidades sociais.

No terceiro período, aparecem as outras oito publicações, sendo sete delas produzidas por um ou dois autores e somente uma por três autores. O terceiro artigo (artigo 3) analisa algumas das classes de habilidades sociais que têm correspondência com fatores de inteligência referidos na teoria das inteligências múltiplas, defendendo uma proximidade entre o THS e essa teoria, especificamente com relação às definições de inteligência intra e interpessoal. Os dois seguintes (artigos 4 e 5) fazem uma análise de parâmetros para a avaliação dos programas de reabilitação psicossocial de psicóticos. O sexto artigo faz uma reflexão sobre prática curricular de terceiro grau, referindo-se, respectivamente à importância da comunicação assertiva na formação do estudante de psicologia e profissionais em geral. O sétimo e oitavo trabalhos examinam o campo teórico-prático das habilidades sociais, respectivamente, sob uma perspectiva da análise do comportamento e em sua relação com as práticas educativas parentais. O nono artigo propõe uma revisão, em termos de contínuo, do conceito de assertividade e analisa sua relação com o sistema de crenças do indivíduo e com sua identidade social. O último e mais recente trabalho (artigo 10) caracteriza-se como uma revisão dos estudos sobre transtorno obsessivo compulsivo, nos quais o THS aparece como estratégia principal ou complementar do tratamento.

Temática e metodologia dos artigos empíricos

As informações temáticas contemplam o tipo e tamanho da amostra, as habilidades estudadas e os objetivos do estudo. Com relação ao tamanho das amostras estudadas, os dados quantitativos são apresentados na Figura 6.

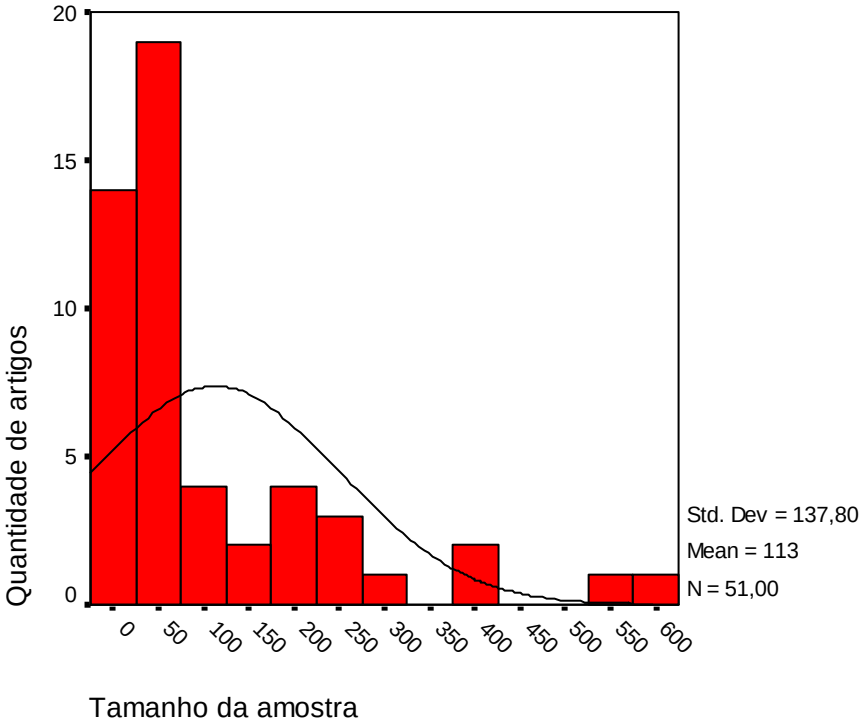
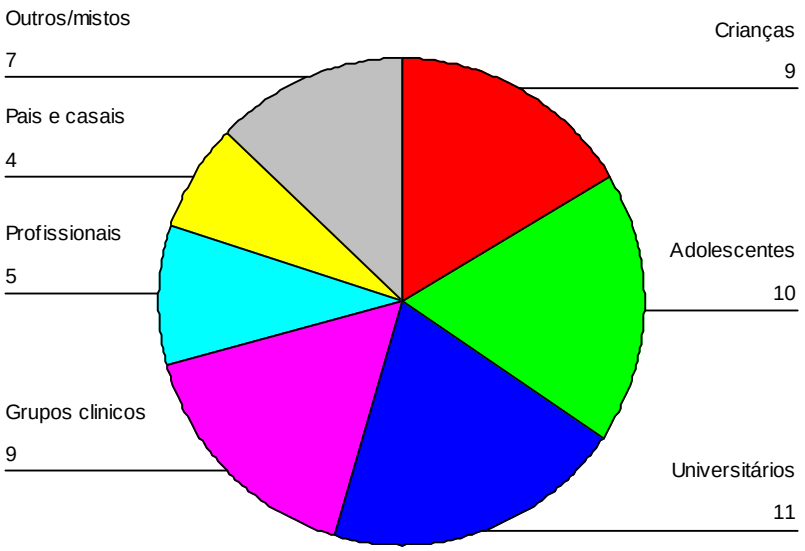


Figura 6. Distribuição do tamanho da amostra estudada nos artigos empíricos analisados neste trabalho.

Dos 55 artigos analisados, somente dois deles (3,7%) foram estudos de caso com sujeito único (artigos 21, 53) e 15 estudos (27,7%) foram realizados com dois a 30 sujeitos. A maioria dos estudos foi realizada com amostras de 31 a 100 pessoas (18 estudos, ou 33,3%) ou com mais de 100 pessoas (16 estudos ou 29,6%), gerando uma média de 113 sujeitos por estudo. Em quatro estudos (7,2%), o resumo não permitiu identificar o tamanho da amostra. Os estudos com amostras maiores, por um lado, evidenciam uma tendência de pesquisa na área e, por outro, uma escassez de estudos com sujeito único, cuja complementaridade poderia ser heurística quanto à metodologia empregada.

Com relação ao tipo de amostra, a variedade encontrada em cada um dos períodos é contemplada na Figura 7.



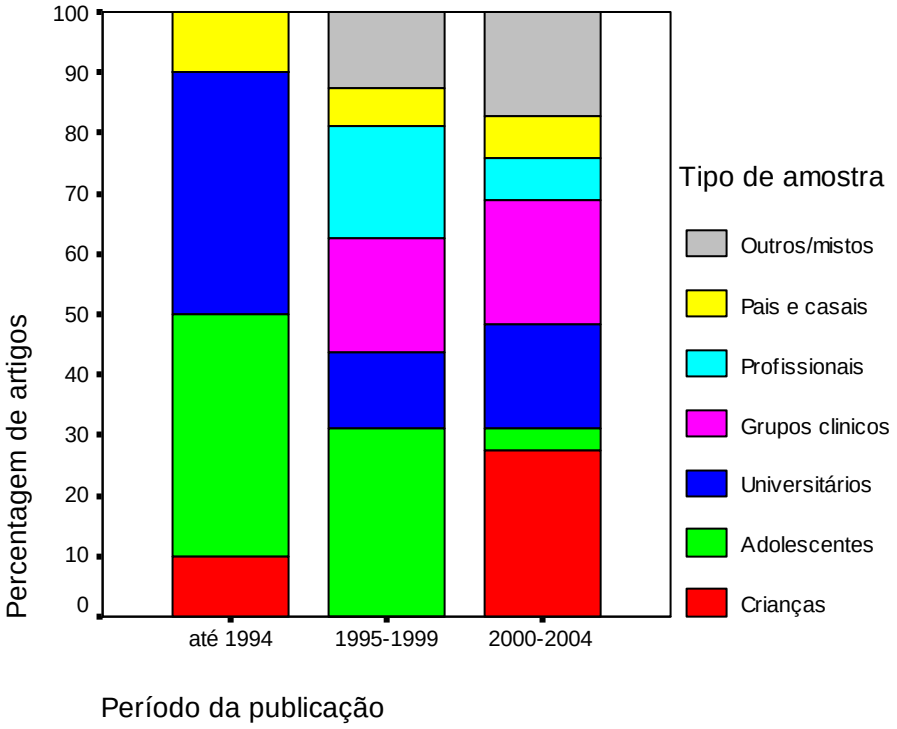


Figura 7. Tipo de amostra focalizada pelos estudos empíricos no levantamento total e em cada um dos períodos deste estudo.

Pode-se verificar que, para o período total analisado, as amostras identificadas como não clínicas (ou seja, sem queixa clínica no campo da saúde mental) foram constituídas, maior proporção por universitários, crianças e adolescentes, que representaram pouco mais da metade da população focalizada nos artigos empíricos analisados. Desses três grupos, verifica-se, no último período, uma predominância de crianças, com redução, em termos proporcionais, de estudos com universitários. Nos dois primeiros períodos houve uma proporção maior de estudos com adolescentes, o que se reduziu a um mínimo no último. Os

grupos clínicos e os mistos começaram a ser investigado no segundo período e se mantiveram no terceiro. Os estudos com profissionais aparecem somente no segundo período. Pais e casais são objetos de pesquisa nos três períodos, mas com redução, em termos de proporção, no segundo e terceiro.

Os resultados obtidos na análise das habilidades focalizadas pelos artigos estão representados na Figura 8.

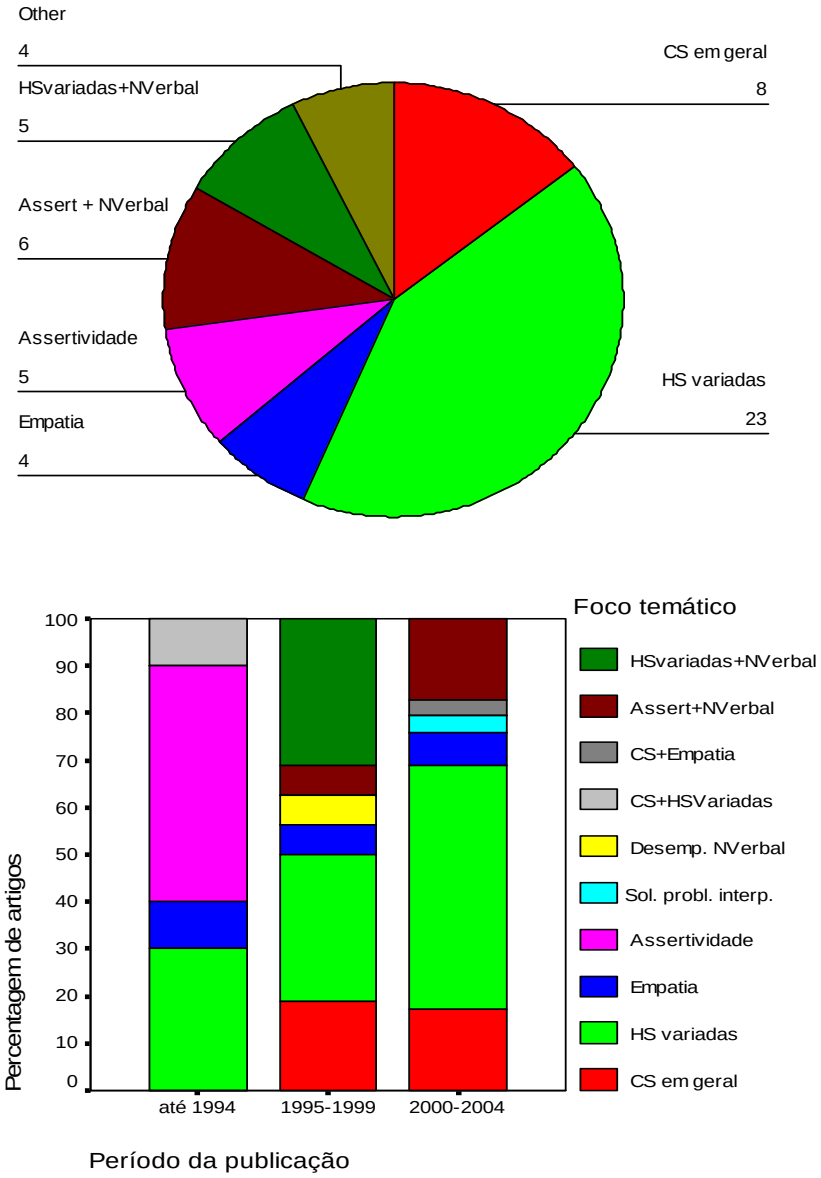
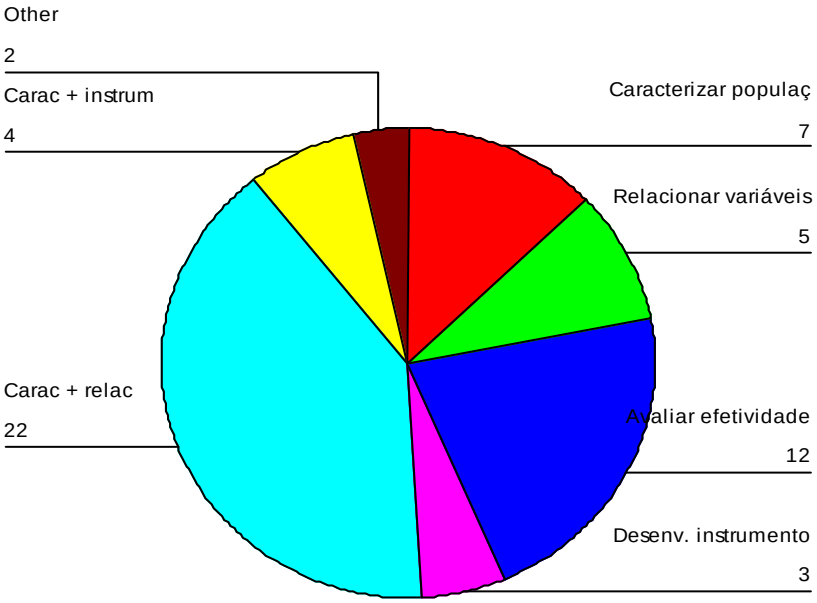


Figura 8. Habilidades focalizadas pelos estudos empíricos no levantamento total e em cada um dos períodos deste estudo.

O que se observa, no conjunto total dos estudos, é uma predominância de trabalhos focalizando habilidades sociais variadas, tendência que se mantém em todos os períodos, sendo maior no mais recente, também associada à investigação do desempenho não verbal e da competência social em geral. Os estudos especificamente sobre assertividade, em maior proporção no primeiro período (artigos 24, 31, 32, 40, 55, 60) reaparecem no segundo e terceiro associados à análise do desempenho não verbal (artigos 46, 47) no segundo período e a outros aspectos no terceiro (artigos 60, 62, 64).

Quanto aos objetivos dos estudos, os dados estão ilustrados na Figura 9.



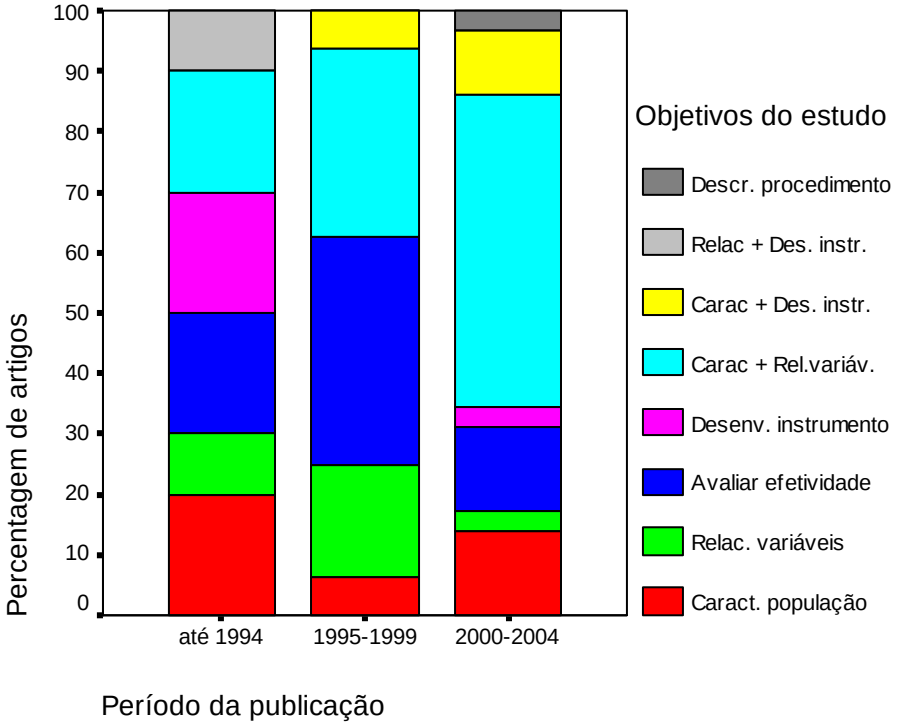


Figura 9. Objetivos dos estudos empíricos identificados no conjunto total dos artigos e em cada um dos períodos.

A maior parte dos estudos empíricos sobre habilidades sociais teve como objetivo caracterizar determinada população a partir de uma amostra, relacionar variáveis específicas e avaliar a efetividade de procedimentos de intervenção. Esses tipos de estudos aparecem nos três períodos, com predominância dos de avaliação de efetividade no segundo e dos demais, no segundo e terceiro. O desenvolvimento de instrumentos também esteve associado à caracterização da amostra e foi mais presente no primeiro e terceiro períodos. Essa tendência parece sugerir que a caracterização de segmentos da população e o aperfeiçoamento de

instrumentos de coleta de dados seriam etapas preliminares para a pesquisa-intervenção e o teste de procedimentos específicos.

Os resultados sobre informações metodológicas foram agrupados em: a) delineamento; b) procedimentos de coleta de dados e c) tratamento dos dados. Com relação ao tipo de delineamento, a classificação dos artigos analisados aparece na Figura 10.

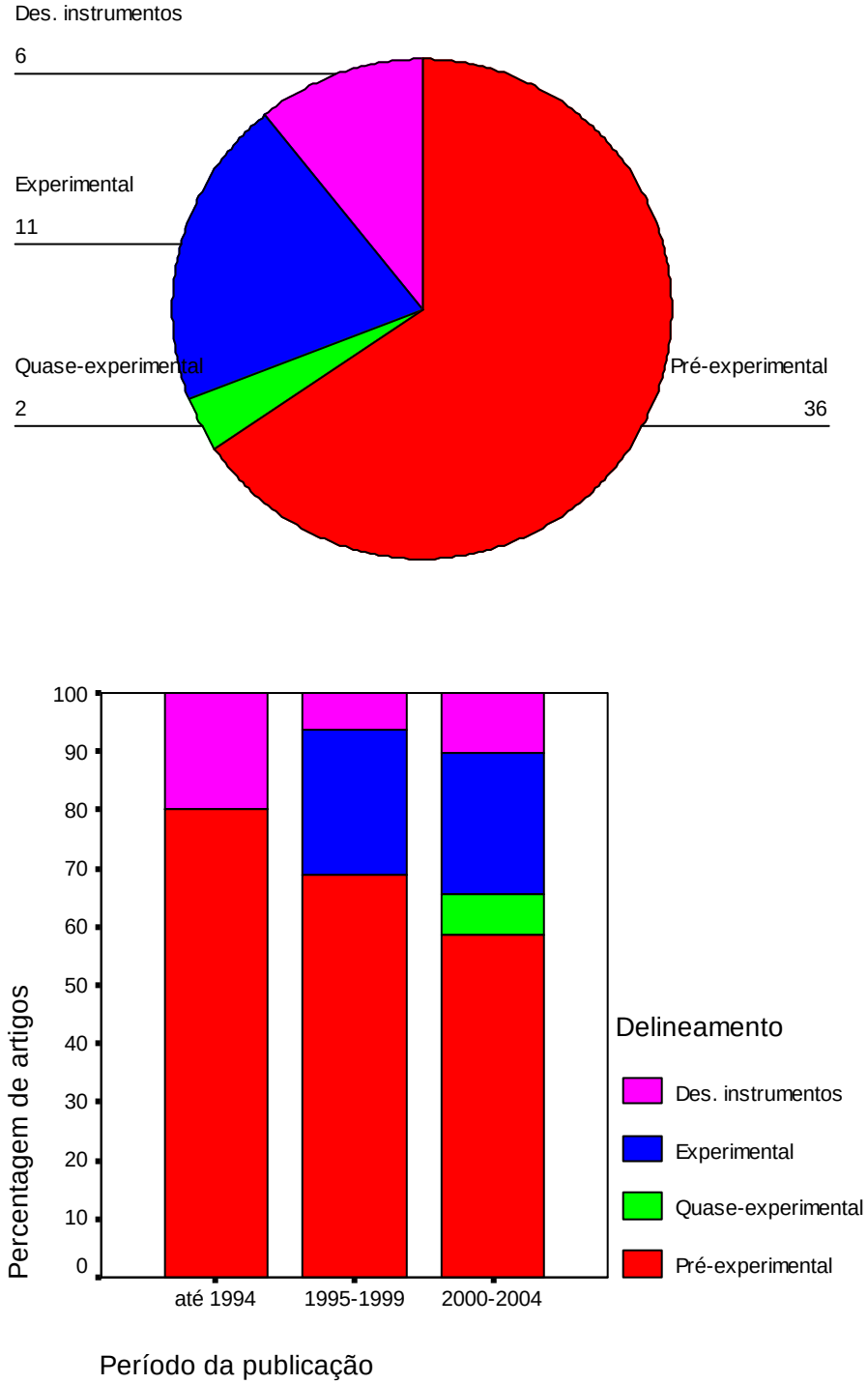
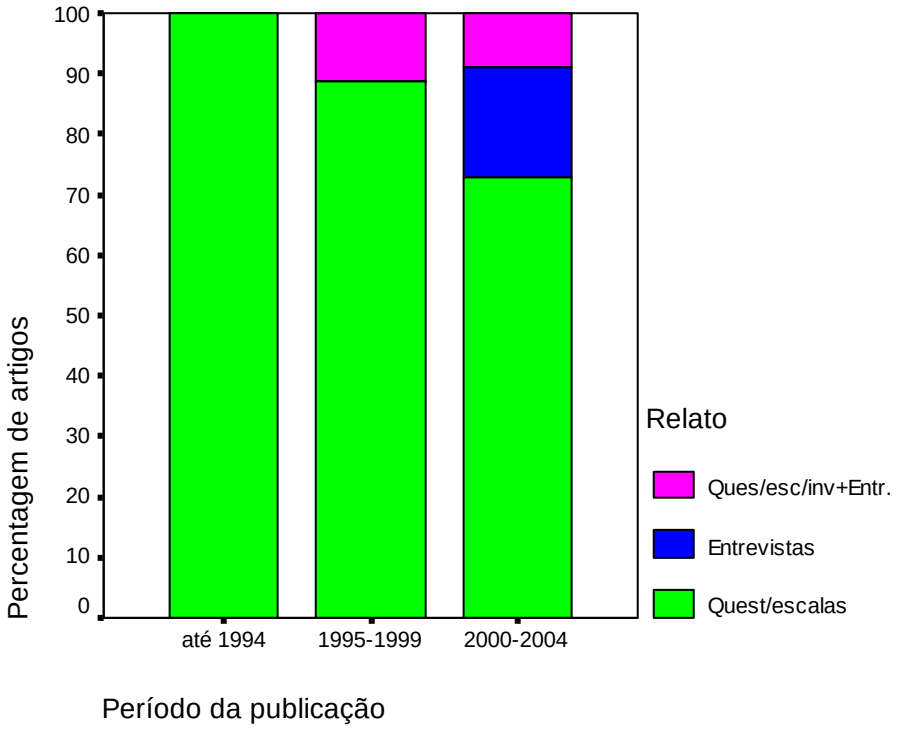


Figura 10. Tipos de delineamento de pesquisa identificados no total dos estudos empíricos e em cada um dos períodos.

Verifica-se que, no conjunto geral, a maior parte dos artigos se caracterizou como pré-experimentais (correlacionais, em sua maioria), com tendência proporcionalmente decrescente ao longo dos períodos. Os estudos quase-experimentais ocorreram em menor proporção e somente no terceiro período. Os estudos experimentais apareceram, em proporções equivalentes, no segundo e terceiro períodos e os de desenvolvimento de instrumentos (em sua maioria escalas ou inventários) ocorreram em todos os períodos, com tendência crescente (1, 2 e 3 artigos respectivamente), embora proporcionalmente a figura não demonstre tal tendência. A distribuição dos delineamentos de pesquisa, ao longo dos períodos, sugere que os estudos pré-experimentais precederam os delineamentos mais complexos e podem ser entendidos como explorações iniciais da área no país. Assim, se a tendência crescente de estudos na área (Figura 2) se mantiver a curto e médio prazo, pode-se esperar maior investimento dos pesquisadores em delineamentos quase-experimentais e experimentais, ambos ainda com pouca escolha na área, especialmente se também houver um investimento continuado no desenvolvimento de instrumentos e procedimentos de avaliação.

Os dados dos estudos analisados neste capítulo foram coletados por meio de instrumentos e/ou procedimentos de observação e de relato, referidos por 20 e 37 artigos, respectivamente (37,03% e 68,5%), o que inclui somente cinco (9,09%) com dados de observação e de relato. Não obstante em cerca de 20% dos resumos não tenha sido possível identificar as condições de coleta de dados, a proporção dos diferentes instrumentos/procedimentos de observação e de relato utilizados nos demais, em cada um dos períodos, está ilustrada na Figura 11.



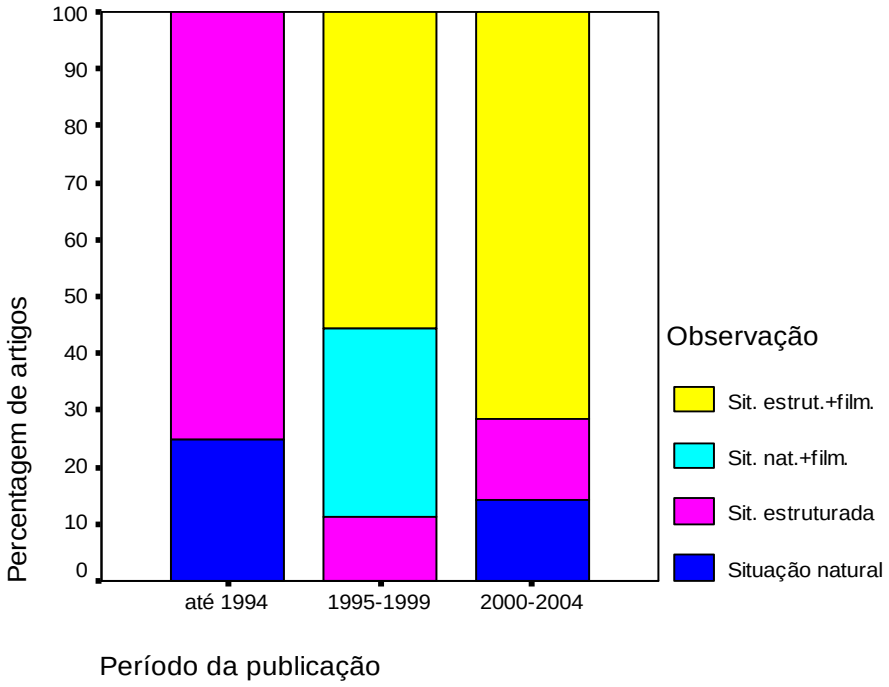


Figura 11. Tipos de instrumentos/procedimentos de coleta de dados identificados nos estudos empíricos de cada um dos períodos.

Observa-se que, com relação aos dados coletados por meio de relato, os estudos do primeiro período se basearam exclusivamente em questionários ou escalas, também predominantes nos demais períodos, embora com proporção decrescente. Concomitantemente, o uso de entrevista, isoladamente ou associada a questionários, apresentou uma tendência crescente. Neste caso, também uma explicação análoga à anterior é possível, com uma maior diversidade e sofisticação metodológica sendo esperada após certa quantidade de estudos descritivos.

Quanto aos dados coletados por meio de observação, houve predominância, nos três períodos, de investigações baseadas em procedimentos de desempenho de papéis, com registros manuais no primeiro período e associados a videogravação nos dois últimos. A observação em situação natural foi, proporcionalmente, mais freqüente no primeiro período (associada ao desempenho de papéis) e no segundo (isoladamente com registros em videogravação). Apesar da dificuldade, pode-se defender a necessidade de maior investimento em dados de observação direta em situação natural, especialmente se associada a estudos de intervenção.

Os tipos de tratamento dos dados utilizados aparecem representados na Figura 12.

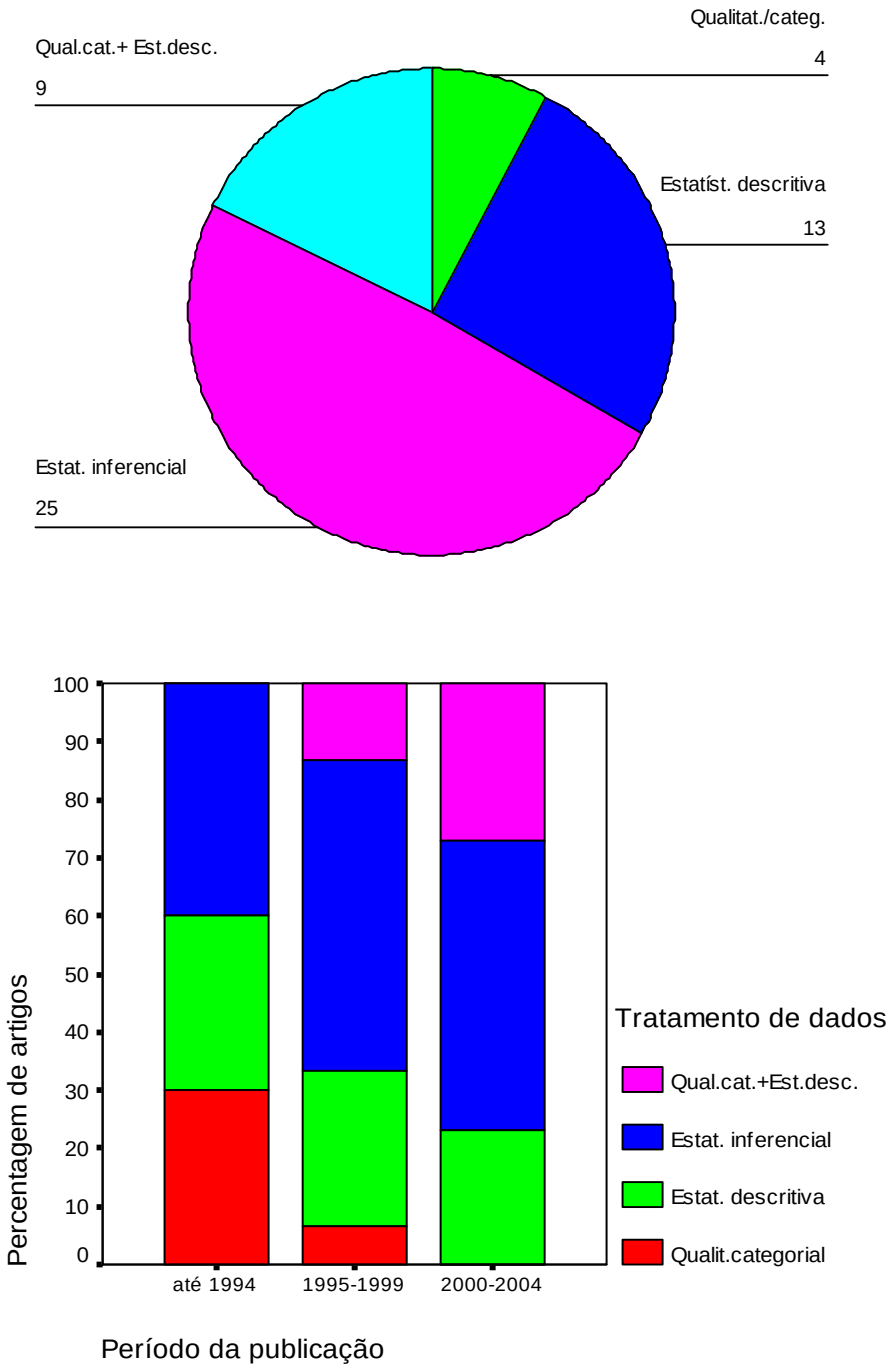


Figura 12. Tipos de tratamento de dados identificados no conjunto total dos estudos empíricos e em cada um dos períodos.

Na maior parte dos estudos, especialmente no segundo e terceiro períodos, os dados foram tratados por meio de estatística inferencial. O tratamento exclusivamente qualitativo-categorial foi adotado em menor proporção no conjunto total dos estudos e somente no primeiro período; nos demais, esse tipo de tratamento aparece associado a um tratamento estatístico-descritivo. Essas características refletem, em grande parte, os objetivos e tipo de delineamento dessas investigações, embora um maior investimento em estudos de caso, ou experimentos com sujeito único, possa ainda ser defendido como necessário para a abordagem a determinados tipos de questões ainda pouco exploradas na área.

Características dos estudos com diferentes amostras

Tomando-se como eixo o tipo de amostra estudada, a análise dos 55 artigos empíricos permite integrar algumas características da produção ao longo dos períodos, bem como identificar tendências e lacunas que podem nortear futuras pesquisas.

Os nove trabalhos realizados com crianças foram, com uma única exceção, publicados no qüinqüênio mais recente e, destes, sete foram conduzidos com delineamento pré-experimental e tratamento estatístico inferencial; somente dois estudos foram conduzidos sob delineamento quase-experimental (artigos 14 e 18). Os objetivos incluíram a caracterização do repertório social de populações específicas acrescida da análise de relação entre variáveis, três focalizando empatia (artigos 11, 12 e 15) e dois a competência social geral (artigo 16 e 17). Dois artigos visaram ao desenvolvimento de instrumentos de avaliação (artigos 13 e 19) e outros dois à avaliação da efetividade de intervenções na promoção da competência social em geral (artigo 14) e na resolução de problemas interpessoais (artigo 18). É possível inferir, portanto, escassez de relatos de pesquisa-intervenção com crianças, focalizadas em habilidades sociais específicas, o que também poderia ampliar a compreensão sobre o significado e a importância da competência social nessa faixa etária, trazendo subsídios para o aprimoramento de programas de intervenção com esta população. Essa situação pode ter ocorrido pela ausência de instrumentos padronizados de avaliação de habilidades sociais de crianças, somente agora (Del Prette & Del Prette, 2005a) disponível.

Nove dos dez trabalhos com adolescentes foram conduzidos com delineamento pré-experimental (em geral estudos descritivos e correlacionais) e um de desenvolvimento de instrumento (artigo 23). Quanto aos objetivos, cinco estudos (artigos 20, 21, 22, 25, 28) avaliaram efeitos de intervenção visando à promoção de habilidades sociais variadas, com um deles efetuando uma análise detalhada de procedimento. Esses estudos foram realizados em pequenos grupos e, portanto, com um número reduzido de participantes, o que sugere uma concordância com autores (Del Prette & Del Prette, 1999; 2001; Falcone, 2000) que apontam vantagens de programas grupais sobre os individuais. Os demais estudos (artigos 24, 26, 27, 29) visaram caracterizar a população e/ou relacionar variáveis, com um deles (artigo 23) voltado para a análise de propriedades psicométrica de um instrumento de avaliação. Efetivamente, pode-se identificar, ainda, uma lacuna em termos de instrumentos de avaliação de habilidades sociais disponíveis para essa clientela, apesar da alta demanda de problemas (Baraldi & Silvares, 2003; Marturano & Loureiro 2003) e de alternativas de atendimento (Lohr, 2003).

Entre os 11 estudos com universitários, somente um foi realizado com delineamento experimental (artigo 35), três constituíram estudos de desenvolvimento de instrumentos (artigos, 31, 34 e 36) e os demais se caracterizaram como pré-experimentais. Quanto aos objetivos, além dos já referidos de desenvolvimento de instrumentos, dois visaram à avaliação da efetividade de intervenções (artigos 35 e 38) e os demais se distribuíam entre caracterizar a população e relacionar variáveis. Nesse último conjunto encontram-se estudos que examinaram, em adolescentes, a relação das habilidades sociais com estresse (artigo 39) e com traços de personalidade (artigo 37), a influência do curso de graduação sobre a assertividade e habilidades sociais específicas (artigos 30, 32 e 33) e um estudo multicêntrico sobre habilidades sociais em diferentes regiões brasileiras, examinando a influência do sexo e idade (artigo 40). No tratamento de dados, verificou-se o predomínio da análise descritiva e correlacional. Embora tais estudos ampliem o escopo de informações sobre as características da população e contribuam para intervenções futuras mais seguras, pode-se defender maior investimento em controle de variáveis, especialmente por meio de delineamento experimental ou, pelo menos, quase experimental também junto a esse segmento.

Os nove estudos realizados com a população clínica (artigos 41 a 49) foram conduzidos por um mesmo grupo de pesquisa junto a indivíduos psicóticos e/ou com

transtornos afetivos graves, com delineamento experimental e com o objetivo de caracterizar habilidades dessa população (especialmente as assertivas) e desenvolver instrumentos e procedimentos de avaliação. A preocupação com medidas de observação direta, em situação natural ou de desempenho de papéis, constituiu uma marca desses trabalhos, com importante contribuição para o desenvolvimento de estratégias e recursos para isso. Dada a ampla aplicabilidade do THS como estratégia principal ou coadjuvante no tratamento de diferentes tipos de transtornos psicológicos (Del Prette & Del Prette, 2001, Del Prette & Del Prette, 2002), pode-se identificar, aqui, uma lacuna de relatos de pesquisas de intervenção com outros grupos clínicos.

Apenas cinco artigos investigaram as habilidades sociais profissionais, nesse caso, dois com professores, um com psicoterapeutas e outro com técnicos de segurança de trabalho. Todos esses estudos foram caracterizados como pré-experimentais (artigos 50 e 54), com medidas pré e pós-intervenção, utilizando entrevista e inventário na coleta de dados (artigo 54) e três deles utilizando observação direta por meio de videogravação em situação natural (artigo 51, 52 e 53). Embora se reconheça a dificuldade de pesquisa com essa população, deve-se considerar, também, sua importância, tanto na formação de agentes socialmente competentes como, por meio de uma interação produtiva, beneficiar os indivíduos por eles atendidos. Por outro lado, o amplo reconhecimento das habilidades sociais como requisito da competência e do sucesso profissional (Argyle, 1967/1994; Del Prette & Del Prette, 2001) supõe a possibilidade de investigações mais detalhadas sobre essa temática, com outros grupos de formação ou atuação em diferentes áreas.

Quatro estudos com delineamento pré-experimental foram realizados com pais ou casais. Destes, somente um foi de avaliação de intervenção, com medidas pré e pós-intervenção (artigo 56) e os demais de sondagem, junto aos pais, sobre habilidades sociais desejáveis para seus filhos e suas próprias habilidades sociais educativas, visando-se caracterizar a população e/ou relacionar variáveis (artigos 55, 57, 58). O crescente interesse na temática de práticas parentais, os desafios que os problemas de comportamentos dos filhos representam para pais e educadores em geral e o importante papel dos pais como co-terapeutas justificam a expectativa de estudos metodologicamente mais sofisticados com essa clientela.

As amostras agrupadas em “Outros/Mistos" incluíram sete estudos pré-experimentais junto a populações variadas como: universitários e casais (artigo 59), crianças e adolescentes (62), professores e alunos (63), adultos não clínicos (60 e 61), idosos (65) e mulheres com obesidade mórbida (64). Esses estudos visaram, basicamente a caracterizar o repertório da população estudada, em termos de competência social (artigo 59), de habilidades sociais variadas (62, 63, 64, 65), de empatia (artigo 61) e de assertividade (artigo 60), bem como relacionar esse repertório a outras variáveis. A maioria realizou coleta de dados via relato (entrevistas e questionários), com somente um estudo baseado em observação direta (artigo 63). O tratamento de dados foi, em sua maioria, descritivo e/ou correlacional. O que se pode concluir, desse grupo de estudos, é que ainda há pouco investimento de pesquisa em amostras de adultos não-clínicos, o que poderia ser mais extensivamente explorado em estudos futuros. Considerando-se a longevidade crescente em nosso país, pode-se destacar a importância do estudo das habilidades sociais de pessoas idosas, que apareceu em apenas um único estudo deste levantamento.

Discussão

Os resultados deste levantamento são sugestivos de um interesse crescente pela área de habilidades sociais nos últimos anos e de sua consolidação como campo de pesquisa e aplicação.

Verificou-se uma predominância de estudos empíricos que foram, em sua maioria, pré-experimentais (geralmente descritivos ou correlacionais), possivelmente porque o campo teórico-prático do Treinamento em Habilidades Sociais ainda seja recente no Brasil, com poucos estudos-modelos e manuais de intervenção tipo padrão, bastante comuns em outros países (Bedell & Lennox, 1997; Begun, 1994; Gambrill, 1995; Gresham, 2002). Além disso, pode-se entender que a condução de intervenções efetivas requeira uma fase anterior de avaliação e descrição do repertório de habilidades sociais, mapeando-se características e necessidades de diferentes tipos de clientelas (Gresham, 2000). Não obstante, é interessante destacar dois estudos anteriores de revisão de literatura (Del Prette & Del Prette 2000; Murta, s.d.), que já sinalizavam para uma tendência crescente de pesquisas de intervenção, o que também foi encontrado na presente análise. As fontes daqueles estudos não foram exatamente as mesmas deste, o que reforça ainda mais a hipótese de uma tendência ao uso do THS como método de intervenção.

Apesar do predomínio de estudos de caracterização, identificado neste estudo, ainda pouco se conhece sobre o repertório de habilidades sociais de grupos clínicos específicos de nosso meio (por exemplo, os que apresentam depressão, timidez, fobia social etc.) e de populações com necessidades educativas especiais (por exemplo, com deficiência visual, auditiva, mental ou motora). A análise dos periódicos indica, portanto, uma lacuna de conhecimento quanto à caracterização do repertório social de populações mais amplas e diversificadas e também com delineamentos experimentais ou, pelo menos, quase-experimentais, ainda escassos nesse campo. Em termos de estudos de intervenção, é importante destacar, ainda, que as referências a seguimento (*follow-up*) e generalização, são bastante escassas e vagas, sugerindo a necessidade de maior investimento na investigação da validade social dos procedimentos utilizados e dos seus efeitos, a médio e longo prazo.

Com base nos artigos analisados neste capítulo, é possível concluir que: a) a área do THS vem obtendo um crescimento bastante significativo; b) existem grupos de pesquisa com produção regular e interesse em questões próprias de nossa cultura, como por exemplo, a criação de instrumentos de avaliação e elaboração de programas de treinamento de pais; c) a produção na área vem se diversificando em relação aos objetivos de pesquisa: d) já estão se consolidando intercâmbios entre grupos, por exemplo, o de Del Prette e Del Prette e o de Bandeira; e) a elaboração de instrumentos de avaliação (por exemplo, o IHS-Del Prette, Del Prette & Del Prette, 2001) parece ter impulsionado novas investigações sobre características de diferentes segmentos da população, possibilitando novos estudos de comparação entre habilidades sociais e outras variáveis. Raciocínio semelhante pode ser aplicado em relação aos estudos com a população infantil considerando a disponibilização recente de um inventário para crianças (Del Prette & Del Prette, 2005a) e de um livro sobre habilidades sociais na infância (Del Prette & Del Prette, 2005b).

A maior produção de estudos empíricos do que conceituais pode refletir, em grande parte, o tipo de trabalho usualmente publicado em periódicos e, em parte, a importância da acumulação desse tipo de estudos, como requisito para a reflexão teórico-conceitual e para estudos de revisão de literatura. Além disso, grande parte da produção empírica é oriunda de autores com pouca produção na área, cujo interesse mais focal não se desdobra em questões teóricas. Uma outra explicação para a quantidade menor de estudos teóricos pode ser a busca de outros veículos de divulgação, como livros e capítulos de livros que, em nosso país, parecem possuir uma sobrevida maior que a dos periódicos. Porém, aqui, trata-se de uma hipótese que requer confirmação empírica, podendo-se sugerir a coleção "*Sobre Comportamento e Cognição*", anualmente publicada pela ABPMC, como bastante representativa enquanto fonte de análise da produção nacional sob a forma de capítulos de livros. Portanto, pesquisas adicionais, utilizando outros veículos de publicações, tais como livros e dissertações de mestrado e doutorado poderiam completar o presente levantamento, confirmando informações e/ou trazendo novos elementos para a análise dessa área no Brasil.

Referências

Anastasi, A. & Urbina, S. (1999) *Psychological testing*. New Jersey: Prentice Hall.

Argyle, M. (1967/1994). *Psicología del comportamiento interpersonal*. Madrid: Alianza Universidad.

Bandeira, M., & Tremblay, L. (1998). Competência social de psicóticos: Um estudo de validação social. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 4*(47), 185-192.

Bandeira, M., Cardoso, C. S., Fernandes, M. L., Resende, R. A., & Santos, S. C. A. S. (1998). Competência social de psicóticos: Validação social de habilidades específicas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 5*(47), 217-226.

Baraldi, D. M. & Silvares, E. F. M. (2003). Treino de habilidades sociais em grupo com crianças agressivas, associado à orientação dos pais: Análise empírica de uma proposta de atendimento. Em A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 235-258). Campinas: Alínea.

Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (1999). Relacionamento pais-filhos: Um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. *Psicologia Escolar e Educacional, 3*(3), 203-215.

Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (1999). Relacionamento pais-filhos: Um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. *Psicologia Escolar e Educacional, 3*(3), 203-215.

Campbell, D. T. &. Stanley, J. C. (1979). *Delineamentos experimentais e quase-experimentais de pesquisa* (Renato Alberto T. Di Dio, Trad.). São Paulo: EPU: EDUSP.

Cox, R. D. & Schopler, E. (1995). Treinamento de habilidades sociais para crianças. Em M. Lewis (Org.), *Tratado de psiquiatria da infância e adolescência* (I. C. S. Ortiz, S. Costa e D. Batista, Trad., pp. 916-923). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1991).

Del Prette, A. (1978). O treino assertivo na formação do psicólogo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 30,* 53-55.

Del Prette, A. (1985a). Treinamento Comportamental em grupo: Uma análise descritiva de procedimento. *Psicologia USP, 11*(2), p. 39-54.

Del Prette, A. (1985b). Treinamento Comportamental: uma alternativa de atendimento à população não clínica. *Revista de Psicologia, 3*(1), 67-81.

Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (1983). Análise de repertório assertivo em estudantes de psicologia. *Revista de Psicologia, 1*(1), 15-24.

Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais. Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.

Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2003). Treinamento assertivo ontem e hoje. Em C. E. Costa, J. C. Luzia & H. H. N. Sant' Anna (Orgs.), *Primeiros passos em análise do comportamento e cognição* (pp 149-166). Santo André: ESETec.

Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (1997). Habilidades sociais e construção de conhecimento em contexto escolar. Em D. R. Zamignani (Org.), *Sobre comportamento e cognição: A aplicação da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-Comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos* (pp. 234-250). Santo André: Airbytes.

Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P., & Barreto, M. C. M. (1998). Analise de um inventario de habilidades sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 3*(14), 219-288.

Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P., & Branco, U. V. C. (1998). Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores. *Psicologia Escolar e Educacional, 1*(2), 11-22.

Del Prette, Z. A. P. (1985). Uma análise descritiva dos processos comportamentais em um programa de treinamento em grupo. *Psicologia USP, 11*(1), 45-63.

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 9*(2), 287-389.

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1998). Desenvolvimento interpessoal e educação escolar: A perspectiva das Habilidades Sociais. *Temas de Psicologia, 6*, 205-216.

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e educação.* Petrópolis: Vozes.

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2000). Treinamento em habilidades sociais: Panorama geral da área. Em V. G. Haase, R. R. Neves, C. Kapler, M. L. M. Teodoro & G. M. O. Wood (Orgs.), *Psicologia do desenvolvimento: Contribuições interdisciplinares* (pp. 249-264). Belo Horizonte: Health.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Del Prette, Z. A. P.& Del Prette, A. (2002). Transtornos psicológicos e habilidades sociais. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Contribuições para a construção da teoria do comportamento* (pp. 377-386). Santo André - SP: ESETec.

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2005a). *Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças: Manual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2005b). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes.

Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., Garcia, F. A., Silva, A. T. B., & Puntel, L. P. (1998). Habilidades sociais do professor em sala de aula: Um estudo de caso. *Psicologia Reflexão e Crítica, 11*(3), 591-603.

Falcone, E. O. (1998). *Avaliação de um programa de treinamento de empatia com universitários.* Tese de Doutoramento. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo (SP).

Falcone, E. O. (2000). Habilidades sociais: Para além da assertividade. Em R. C. Wielenska (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos* (Vol. 6, pp. 211-221). Santo André: ESETec.

Goldstein, A. P. (1973). *Structured learning therapy: Toward psychotherapy for the poor.* New York: Academic Press.

Hargie, O., Saunders, C & Dickson, D. (1981/1994). *Social skills in interpersonal communication* (3ª ed.). London: New York: Routledge.

Lazarus, A. (1977). *Psicoterapia personalista: Uma visão além do condicionamento*. Belo Horizonte: Interlivros.

Liberman, R. P., King, L. W., DeRisi, W. J. & McCann, M. (1975). *Personal effectiveness.* Champaign: Illinois: Research Press.

Lohr, S. S. (2003). Estimulando o desenvolvimento de habilidades sociais em idade escolar. Em A.Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 293-310). Campinas: Alínea.

Marturano, E. M. & Loureiro, S. M. (2003). O desenvolvimento socioemocional e as queixas escolares. Em A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 259-291). Campinas: Alínea.

Merrell, K. W. (1999). *Behavioral, social, and emotional assessment of children.* Mahwah, NJ: Lawrence Earlbaum.

Mitsi, C. A., Silveira, J. M. & Costa, C. E. (2004). Treinamento de Habilidades Sociais no tratamento do transtorno obsessivo compulsivo: Um levantamento bibliográfico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 6*(1), 49-59.

Murta, S. G. (s.d.). Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais: Análise da produção nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica,* 18(2), no prelo.

Pasquali, L (Org.), (2002). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília: LabPam.

Ríos, S. M. R., Del Prette, A & Del Prette, Z. (2002). A importância da teoria da aprendizagem social na constituição da área do treinamento de habilidades sociais. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Contribuições para a construção da teoria do comportamento* (pp269-283). Santo André: ESETec.

Sarriera, J. C., Meira, P. B., Berlim, C. S., Bem, L. A. de, & Camara, S. G. (1999). Treinamento em habilidades sociais na orientação de jovens à procura de emprego. *Psico, 1*(30), 67-85.

Selltiz, C., Wrightsman, L.S., Cook, S. W. & Kidder, L. (1981). *Métodos de pesquisa nas relações sociais: Delineamentos de pesquisa* (Vol. I). São Paulo: EPU.

Sigelmann, E. (1984). Tipos de pesquisa: aspectos metodológicos específicos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 36*(3), 141-155.

Trower, P. (1995). Adult social skills: State of the art and future directions. Em W. O'Donohue & L. Krasner (Orgs.), *Handbook of psychological skills training: Clinical techniques and applications* (pp. 54-80). New York: Allyn and Bacon.

ANEXO - BASE DOCUMENTAL

TEÓRICOS	
1	Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, *9*(2), 233-255.
2	Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1998). Desenvolvimento interpessoal e educação escolar: A perspectiva das Habilidades Sociais. *Temas de Psicologia*, Ribeirão Preto - SP, *6*(3), 205-216.
3	Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (1999). Teoria das Inteligências múltiplas e Treinamento de Habilidades Sociais. *DOXA*: *Estudos de Psicologia e Educação, 5*(1), 51-64.
4	Bandeira, M. (1999). Competência Social de Psicóticos:Parâmetros de Treinamento Para Programas de Reabilitação Psicossocial - Parte I. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, *48*(3), 95-99.
5	Bandeira, M. (1999). Competência Social de Psicóticos: Parâmetros de Treinamento Para Programas de Reabilitação Psicossocial - Parte II. Jornal Brasileiro de Psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora Cientifica Nacional, 48(5), 191-195.
6	Mestre, M. (2001). Habilidades sociais e comunicação. *Psicologia Argumento,* 19 (29), 33-37.
7	Bolsoni-Silva, A. T. (2002). Habilidades sociais: Breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento *Interação em Psicologia, 6*(2), 233-242.
8	Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise a luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia,* 7 (2), 227-235.
9	Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2003). Assertividade, sistema de crenças e identidade social. *Psicologia em Revista, 9*(3), 125-136.
10	Mitsi, C. A., Silveira, J. M. & Costa, C. E. (2004). Treinamento de Habilidades Sociais no tratamento do transtorno obsessivo compulsivo: Um levantamento bibliográfico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(1), 49-59.
CRIANÇAS	
11	Santana, P. R., Otta, E., & Bastos, M. F. (1993). Um estudo naturalístico de comportamentos empáticos em pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa,* 9(3), 575-586.
12	Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia (Natal),* 5(1), 71-93.
13	Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2002). Avaliação de habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: Indicadores psicométricos associados à freqüência versus dificuldade. *Psicologia em Estudo*, *1*(7), 61-73.
14	Castro, R. E. F.; Melo, M. H. S. & Silvares, E. F. M. (2003). O julgamento por pares de crianças com dificuldades interativas após um modelo ampliado de intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *16*(2), 309-318.
15	Garcia-Serpa, F. A., Meyer, S., & Del Prette, Z. A. P. (2003). Origem social do relato de sentimentos: Evidência empírica indireta. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva*, 5(1), 21-29.
16	Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2003). Avaliação da competência social em crianças em situação de risco. *Psico-USF*, 8(1), 1-9.
17	Campos, M. A. S. & Marturano, E. M. (2003). Competência interpessoal, problemas escolares e a transição da meninice à adolescência. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, *13*, 73-84.
18	Borges, D. S. C. & Marturano, E. M. (2003). Desenvolvendo habilidades de solução de problemas interpessoais no ensino fundamental. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, *12,* 120-129.
19	Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2003). Luz, câmera, ação: Desenvolvendo um sistema multimídia para avaliação de habilidades sociais em crianças. *Avaliação Psicológica, 2*(2), 155-164.
ADOLESCENTES	
20	Del Prette, A. (1985). Treinamento Comportamental em grupo: Uma análise descritiva de procedimento. *Psicologia, 11*(2), p. 39-54.
21	Del Prette, Z. A. P. (1985). Uma análise descritiva dos processos comportamentais em um programa de treinamento em grupo. *Psicologia*, 11(1), 45-63.
22	Del Prette, A. (1985). Treinamento Comportamental: Uma alternativa de atendimento à população não clínica. *Revista de Psicologia, 3*(1), 67-81.
23	Gouveia, V. V., Santos, W. T. M., & Alves, S. M. (1994). Versão brasileira da escala de assertividade Rathus: Teste da validade de construto e elaboração de normas diagnósticas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1/2 (46), 162-172.
24	Marques, J. C, & Van Horn, R. (1995). Habilidades sociais e relacionamento na adolescência. *Psico*, 2 (26), 9-28.
25	Amaral, V. L. A. R., Bravo, M. C. M. & Messias, T. S. C. (1996). Desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes portadores de deformidades faciais. *Estudos de Psicologia*, 13(3), 31-47.
26	Marques, J. C. & Van Horn, K. R. (1997). Habilidades sócio-cognitivas e apoio emocional nos

	relacionamentos dos adolescentes. *Psico*, 28(1), 171-186.
27	Pacheco, J. T. B, Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2(15), 117-126.
28	Sarriera, J. C., Meira, P. B., Berlim, C. S., Bem, L. A. de, & Camara, S. G. (1999). Treinamento em habilidades sociais na orientação de jovens a procura de emprego. *Psico*, 1(30), 67-85.
29	Silva, M. M., Echen-Ferreira, T. H., Medeiros, E., Aznar-Farias, M., & Pedromônico, M. R. M. (2004). O adolescente e a competencia social: Tocando o número de amigos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 14*(1), 23-31.
UNIVERSITÁRIOS	
30	Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (1983). Análise de repertório assertivo em estudantes de psicologia. *Revista de Psicologia*, 1(1), 15-24.
31	Pasquali, L.,& Gouveia, V. V. (1990). Escala de assertividade Rathus-RAS: Adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa,* 3(6), 233-249.
32	Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P., & Branco, U. V. C. (1992). Competência social na formação do psicólogo. *Paidéia*, 2, 40-50.
33	Gouveia, V. V., & Pereira, C. A. G. (1994). Assertividade e modos de enfrentamento a episódios de doenças: uma comparação dos alunos de psicologia com os de medicina. *Psicologia Argumento*, 12 (14), 41-55.
34	Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P., & Barreto, M. C. M. (1998). Analise de um inventario de habilidades sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3(14), 219-288.
35	Falcone, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1(1), 23-32.
36	Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, A, Del Prette, Z.A.P. & Gerk-Carneiro, E. (2000). Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): Estudo sobre a estabilidade temporal e validade concomitante. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 5 (2), 401-419.
37	Bueno, J. M.H., Oliveira, S. M. S.S. & Oliveira, J. C. S. (2001). Um estudo correlacional entre habilidades sociais e traços de personalidade. Psico-USF, 6 (1), 31-38.
38	Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2003). No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: Treinamento de habilidades sociais com universitários. *Estudos de Psicologia, 8*(3), 413-420.
39	Furtado, E. de S., Falcone, E. M. de O., & Clark, C. (2003). Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*, 7 (2), 43-51.
40	Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., Bandeira, M., Rios-Saldaña, M. R., Ulian, A. L. A. O., Gerk-Carneiro, E., Falcone, E. M. O., & Barreto, M. C. M. (2004). Habilidades sociais de estudantes de psicologia: Um estudo multicêntrico. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 17*(3), 341-350.
CLÍNICOS	
41	Bandeira, M., & Tremblay, L. (1998). Competência social de psicóticos: um estudo de validação social. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 4 (47), 185-192.
42	Bandeira, M., Cardoso, C. S., Fernandes, M. L, Resende, R. A, & Santos, S. C. A. S (1998). Competência social de psicóticos: Validaçäo social de habilidades específicas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria,* 47(5), 217-26.
43	Bandeira, M. & Tremblay, L. F. (2001). L´influence du type de situation sur la compétence sociale: étude de comparaison sociale. *Cadernos de Psicologia 10*(1), 71-87.
44	Bandeira, M. (2002). Escala de avaliação da competência social de pacientes psiquiátricos através de Desempenho de Papéis – EACS. *Avaliação Psicológica*, 2, 159-171.
45	Bandeira, M., Machado, E. L., & Pereira, E. A. (2002). Reinserção social de psicóticos: componentes verbais e não-verbais do comportamento assertivo, em situações de fazer e receber críticas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (10), 89-104.
46	Bandeira, M., & Ireno, E. de M. (2003). Reinserção social de psicóticos: avaliação global do grau de assertividade, em situação de fazer e receber críticas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (3), 665-675.
47	Competência social de psicóticos: O comportamento de alternância da fala em situações de fazer e receber criticas. *Estudos de Psicologia*, 21 (3), 143-159.
48	Bandeira, M., Machado, E. L., Barroso, S., Gaspar, T., Silva, M. (2003). Competência social de psicóticos: O comportamento de olhar nas fases de escuta e de elocução de interações sociais. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 479-489.
49	Bandeira, M., Barroso, S. M. & Reis, F. V. (2004). Desempenho social de psicóticos em função do comportamento do interlocutor. *Interação em Psicologia, 8*(2), 247 - 259.
PROFISSIONAIS	
50	Rodrigues, R. C. J., Imai, R. Y., & Ferreira, W. F. (2001). Um espaço para o desenvolvimento interpessoal no trabalho. *Psicologia em Estudo, 6*(2), 123-127.
51	Rodrigues, M. E. (1997). Estudo exploratório de similaridades e diferenças na situação psicoterapêutica:

	Comportamento não-verbal do psicoterapeuta em diferentes abordagens teóricas. *Interação,* (1), 95-122.
52	Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P., Pontes, A. C. & Torres, A. C. (1998). Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 1(2), 11-22.
53	Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., Garcia, F. A., Silva, A. T. B., & Puntel, L. P. (1998). Habilidades sociais do professor em sala de aula: Um estudo de caso. *Psicologia Reflexão e Crítica*, *11*(3), 591-603.
54	Pereira, C. S., Del Prette, A. & Del Prette, Z. (2004). A importância das habilidades sociais na função do técnico em segurança no trabalho. *Argumento, 6*(12), 103-113.
PAIS/CASAIS	
55	Lipp, M. N, Barreto, M. F., Naccarato, A, & Novaes, L. E. (1992). A cultural validation of assertiveness in Brazilian children. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 9(3), 31-40.
56	Silva, A. T. B, Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (1999). Relacionamento pais-filhos: um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 3(3), 203-215.
57	Silva, A. T. B. & Del Prette, A. (2002). O que os pais falam sobre suas habilidades sociais e a de seus filhos? *Argumento, 7*(3), 71-86.
58	Silva, A. T. B., Del Prette, A. & Oishi, J. (2003). Habilidades sociais de pais e problemas de comportamento de filhos. *Argumento*, 9, 11-81.
OUTROS/MISTOS	
59	Lipp, M. E. N., Torezan, E. A. & Oliveira, A. L. R. (1996). Efeitos da diretividade do terapeuta na percepção de competência e empatia. *Psico-USF*, 1(1), 47-61.
60	Lipp, M. E. N., Haythornthwaite, J., & Anderson, D. E. (1996). Medidas diversas da assertividade de adultos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 13 (1), 19-26.
61	Batista, J. B. V., & Camino, C. (2000). Diferença de sexo e de gênero na empatia: Resultados de uma enquete com universitários de ciências humanas. *Revista IMIP*, 14(1), 79-82.
62	Campos, T. N., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2000). Sobrevivendo nas ruas: Habilidades sociais e valores de crianças e adolescentes. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre - RS, *3*(3), 515-525.
63	Kleijn, M. V. B., & Del Prette, Z. A. P. (2002). Habilidades sociais em alunos com retardo mental: Análise de necessidades e condições. *Cadernos de Educação Especial*, 20, 31-54.
64	Bullamah, S. K. C., Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2004). Habilidades sociais em mulheres obesas: Um estudo exploratório. *Psico-USF, 9*(2), 201-210
65	Carneiro, R. S., & Falcone, E. M. de O. (2004). Um estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 119-126.